

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: DINÂMICAS SOCIAIS E CULTURAIS DA LÍNGUA

**Vanderlea De Jesus Costa Martins**

**RESUMO:** Este estudo explora a importância da variação linguística no contexto educacional brasileiro, enfatizando seu papel na promoção de uma educação inclusiva e culturalmente responsiva. A variação linguística, um fenômeno natural de todas as línguas, reflete as diversas identidades culturais, sociais e regionais de seus falantes. A variação linguística, letramento e oralidade são termos recorrentes na literatura pertinente, a partir da segunda metade do século XX. Relacionados com aspectos sociais da linguagem, esses termos surgiram em diferentes momentos, constituindo cada uma área de interesse diverso, mas compartilhando pontos comuns enquanto conceitos e enquanto práticas para as quais se orientam. Será desenvolvido uma análise de literatura bibliográfica, com ênfase em livros e artigos mais atuais e relevantes sobre o tema. A pesquisa destaca como o sistema educacional brasileiro, orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reconhece a importância da diversidade linguística ao integrá-la ao currículo. No entanto, desafios como preconceito linguístico e a necessidade de treinamento de professores para abordar efetivamente essa diversidade em sala de aula persistem. O estudo argumenta que os educadores desempenham um papel crucial na desconstrução de preconceitos linguísticos e na promoção de um ambiente de respeito e apreciação por todas as formas de expressão linguística. Ao incorporar várias estratégias pedagógicas, como o uso de textos literários e materiais audiovisuais que refletem a diversidade linguística, os professores podem aumentar a consciência crítica dos alunos e o respeito pelas diferenças linguísticas. Por fim, a pesquisa ressalta que abordar a variação linguística na educação é essencial para promover a equidade, a inclusão e o respeito pela diversidade cultural e linguística na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Educacional, Oralidade, Linguística, Cultura.

**ABSTRACT:** This study explores the importance of linguistic variation in the Brazilian educational context, emphasizing its role in promoting inclusive and culturally responsive education. Linguistic variation, a natural phenomenon in all languages, reflects the diverse cultural, social, and regional identities of its speakers. Linguistic variation, literacy, and orality are recurrent terms in the relevant literature, starting in the second half of the 20th century. Related to social aspects of language, these terms emerged at different times, each constituting an area of diverse interest, but sharing common points as concepts and as practices to which they are oriented. An analysis of bibliographic literature will be developed, with emphasis on the most current and relevant books and articles on the subject. The research highlights how the Brazilian educational system, guided by the National Common Curricular Base (BNCC), recognizes the importance of linguistic diversity by integrating it into the curriculum. However, challenges such as linguistic prejudice and the need for teacher training to effectively address this diversity in the classroom persist. The study argues that educators play a crucial role in deconstructing linguistic biases and fostering an environment of respect and appreciation for all forms of linguistic expression. By incorporating various pedagogical strategies,

such as the use of literary texts and audiovisual materials that reflect linguistic diversity, teachers can increase students' critical awareness and respect for linguistic differences. Finally, the research highlights that addressing linguistic variation in education is essential to promote equity, inclusion, and respect for cultural and linguistic diversity in Brazilian society.

**Keywords:** Educational, Orality, Linguistics, Culture.

## 1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno natural em qualquer língua e reflete a diversidade cultural, social e regional de um país. No Brasil, devido à sua vasta extensão territorial e à multiplicidade de influências históricas, a língua portuguesa apresenta uma ampla gama de variações, que se manifestam em diferentes níveis, como fonético, morfológico, sintático e semântico.

A relevância do estudo das variações linguísticas no ambiente escolar se dá, sobretudo, pela necessidade de valorizar as diversas formas de expressão dos alunos, respeitando e reconhecendo a legitimidade de todas as variedades linguísticas. Segundo BRITO e ALBUQUERQUE (2021), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular do Tocantins já apontam para a importância da variação linguística em sala de aula, promovendo uma educação que reconheça e valorize as diferenças linguísticas como parte da identidade cultural dos alunos.

A abordagem pedagógica da variação linguística vai além do simples reconhecimento das diferenças; ela visa combater o preconceito linguístico, um dos grandes desafios no campo da educação. Esse preconceito ocorre quando uma variedade linguística é considerada inferior a outra, o que pode impactar negativamente a autoestima dos alunos que falam variedades diferentes da chamada norma-padrão. Conforme destacam DA SILVA e DA SILVA (2023), é fundamental que o ambiente escolar promova uma visão crítica e inclusiva sobre a linguagem, ajudando os alunos a perceberem que todas as formas de falar têm valor e legitimidade.

A proposta de desenvolvimento de um e.book focado na variação linguística para alunos do 8º ano surge como uma estratégia inovadora para alcançar esses objetivos educacionais. O e.book é um produto que oferece aos alunos uma ferramenta interativa que explora a variação linguística através de textos, áudios, vídeos e atividades práticas. O uso de recursos multimodais é especialmente eficaz para atender a diferentes estilos de aprendizagem, garantindo que todos os alunos possam se engajar com o conteúdo de

maneira significativa. A inclusão de atividades práticas no e-book, como exercícios interativos, vídeos educativos, reforça o aprendizado e torna o processo de aquisição de conhecimento mais dinâmico.

Do ponto de vista metodológico, a implementação do book será realizada através de uma pesquisa-ação, que envolverá intervenção didática e geração de dados qualitativos e quantitativos. Esta abordagem permitirá avaliar a eficácia desse produto educacional na promoção da consciência linguística, no combate ao preconceito linguístico e no desenvolvimento de competências linguísticas dos alunos. Os resultados dessa pesquisa não só contribuirão para o avanço do conhecimento acadêmico nas áreas de sociolinguística e educação linguística, mas também poderão servir de base para a implementação de práticas pedagógicas inovadoras em outras escolas e contextos educacionais.

O trabalho descreverá os fundamentos da variação linguística, a variação linguística no contexto escolar brasileiro, as formas preconceito linguístico, e se encerra com a análise da pesquisa proposta.

## **2 FUNDAMENTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

A variação linguística pode ser observada em diferentes níveis da estrutura da língua, como a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Cada um desses níveis pode variar de acordo com o contexto em que a língua é utilizada. No nível fonológico, por exemplo, diferenças na pronúncia podem ser associadas a características regionais ou sociais dos falantes. Estudos realizados por Labov na década de 1960 em Nova York revelaram como as variações de pronúncia estavam diretamente relacionadas à classe social dos falantes, demonstrando a intersecção entre a variação linguística e fatores socioeconômicos (LABOV, 1966).

Além disso, a variação morfológica, que envolve a formação e estrutura das palavras, também desempenha um papel crucial na diversidade linguística. Por exemplo, o uso de sufixos e prefixos pode variar significativamente entre diferentes dialetos de uma mesma língua. A variação sintática, por sua vez, refere-se à organização das palavras em frases e sentenças, e pode refletir padrões regionais ou estilísticos. Já a variação semântica diz respeito às diferenças no significado das palavras e expressões, que podem mudar de acordo com o contexto cultural ou geográfico.

A teoria da variação linguística também considera o conceito de "mudança linguística", que se refere ao processo pelo qual a língua evolui ao longo do tempo. Essa mudança pode ocorrer de maneira gradual ou abrupta, sendo influenciada por fatores internos, como a simplificação de estruturas gramaticais, ou externos, como o contato com outras línguas e culturas. Um exemplo clássico de mudança linguística é a evolução do inglês desde o período anglo-saxão até o inglês moderno, onde diversas variações e mudanças foram registradas ao longo dos séculos (MILROY, 1992).

É importante destacar que a variação linguística não deve ser vista como um defeito ou erro, mas sim como uma manifestação natural e rica da capacidade adaptativa da língua. A visão prescritivista, que tenta impor uma "norma culta" ou "padrão" como única forma correta de falar, ignora a complexidade e a riqueza das variações linguísticas. Por isso, a abordagem descritiva, que busca entender e documentar as diversas formas de falar, é fundamental para uma compreensão mais abrangente e inclusiva da língua (BORTONI-RICARDO, 2004).

A sociolinguística, campo de estudo que se dedica a analisar a variação linguística, procura entender como diferentes fatores sociais, como idade, gênero, etnia, classe social e contexto de uso, influenciam a maneira como as pessoas falam. Por exemplo, estudos mostraram que mulheres tendem a utilizar mais formas linguísticas associadas à norma culta em comparação aos homens, uma tendência que pode ser explicada por fatores socioculturais relacionados ao papel social e às expectativas de comportamento linguístico (TRUDGILL, 1972).

Outro conceito importante dentro da variação linguística é o de "estilo", que refere-se às variações que um mesmo falante pode apresentar em diferentes contextos comunicativos. Por exemplo, uma pessoa pode falar de maneira mais formal em uma entrevista de emprego e de forma mais descontraída entre amigos. Essa capacidade de alternar entre diferentes estilos linguísticos é conhecida como "code-switching" e reflete a competência comunicativa do falante em adaptar sua linguagem às exigências do contexto (COUPLAND, 2007).

Os estudos sobre variação linguística também destacam a importância do "continuum dialetal", um fenômeno que ocorre quando diferentes dialetos ou variantes de uma língua se encontram em uma área geográfica, criando uma transição gradual entre uma forma de falar e outra. Esse fenômeno é comum em regiões onde há uma diversidade linguística significativa, como na Europa, onde as fronteiras linguísticas entre países frequentemente apresentam um continuum dialetal (HALL, 1966).

A compreensão dos fundamentos da variação linguística é essencial para a educação, pois permite que educadores reconheçam e valorizem as diversas formas de falar dos alunos. Ao adotar uma abordagem inclusiva que reconhece a legitimidade de todas as variantes linguísticas, as práticas pedagógicas podem contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa e respeitosa. A variação linguística, portanto, deve ser celebrada como uma expressão da diversidade humana e da riqueza cultural presente em toda comunidade linguística.

## **2.1 Fundamentos da Língua e Sociedade**

A língua identifica, mas também diferencia os grupos sociais e os falantes desses grupos. Ela marca a posição social do falante. Numa sociedade estratificada, ela é um elemento de identidade de um grupo social e, ao mesmo tempo, é uma marca que o diferencia dos outros grupos. Há níveis e barreiras na sociedade que são percebidos e exercidos também na língua. Não é ela que cria a estratificação social, mas reflete-a, registra e marca essa estratificação. “São as classes que agrupam as profissões e as separam. A língua registra essa separação: as funções exercidas por artesões não se chamam profissões e sim ofícios” (Fiorin, 2005, p.38).

O falante não muda por si só sua maneira de falar. Não é a fala em si mesma que faz com que o falante mude de posição social, mas, ao contrário, é a mudança de posição social que faz o falante mudar sua maneira de falar. Porém essa mudança é relativa, pois mesmo que o falante mude de posição social, sua língua não muda por completo. Há marcas linguísticas que permanecem e fazem com que se perceba a sua origem social. Há sempre uma barreira linguística a transpor quando se muda de posição social, pois existe entre os diversos grupos ou classes de uma sociedade barreiras que impedem o acesso dos grupos de status inferior a participarem ativamente das relações sociais de poder, uma delas é a barreira linguística, que se constitui devido os grupos de status inferior não dominarem os códigos linguísticos usados nas relações sociais da classe dominante. Consequentemente, quem não tem acesso a esses códigos fica à margem também das relações de poder (Antunes, 2005).

Castilho (2000) afirma que, não se pode dissociar a forma linguística da posição social do falante, pois uma se reflete na outra. Numa sociedade de classe, as mobilidades sociais se refletem na língua, muito embora, numa análise mais apurada, seja possível identificar a origem social do falante que ascendeu a uma classe de status mais elevado.

As marcas linguísticas não se resumem à posição de classe, mas também às relações de gênero e etnia, entre outras.

A ascensão de um sujeito a uma classe de maior status não se completa apenas no âmbito econômico, entre outras mudanças. Faz-se necessário também a do padrão linguístico. Com isso se torna mais difícil transpor a barreira que separa as classes ou grupos sociais. Para transpô-la é necessário que se distancie da classe de origem e se nivele à classe que se deseja fazer parte. É um processo que se movimenta entre a distinção e a identificação (Bagno, 1999).

Nessa situação há uma tendência à correção linguística que, geralmente, leva o falante a exageros linguísticos na tentativa de elevar sua forma linguística a outro padrão que é considerado de maior valor social. O falante reconhece o valor social do padrão que deseja realizar, porém não o realiza satisfatoriamente, nem no seu cotidiano nem em situações formais, isso gera um desacordo entre o padrão que é produzido e o que se deseja produzir (Castilho, 2014).

O capital cultural de um grupo social está presente na fala de um falante desse grupo, o qual não fala por si só; ele fala em nome do grupo. Em uma comunidade de fala existem vários grupos sociais que se identificam a partir de aspectos socioculturais inerentes a cada grupo. A forma linguística é um desses aspectos, pois uma comunidade de fala não se caracteriza pela homogeneidade linguística, podendo existir, em vez disso, uma estratificação linguística que se relaciona com a estratificação social existente nessa comunidade (Castilho, 2014).

O processo de aquisição das normas linguísticas da comunidade de fala é demorado. Dependendo do contato do falante com as normas linguísticas, a aquisição pode ocorrer mais cedo. Para um falante de classe média baixa, que não tem uma exposição contínua às normas de prestígio, a aquisição é um processo demorado e contínuo e não alcança o mesmo sucesso obtido pelos falantes de classe média alta, que convivem continuamente expostos às normas de prestígio. A escola e a universidade são instituições que favorecem o contato com as normas prestigiadas, assim, à medida que a escolarização avança, o sujeito toma consciência da estratificação da língua e, geralmente, procura usar as formas de maior prestígio, pois “o correlato da estratificação regular de uma variável sociolinguística no comportamento é a concordância uniforme em reações subjetivas a essa variável” (Antunes, 2005, p.288).

Segundo Fiorin (2005), o sucesso do falante na produção de uma forma de prestígio social tem relação com sua exposição a essa variável, sendo que os fatores que

mais influenciam para a aquisição de uma forma linguística são a família e a escola. Nesses espaços sociais, o falante se depara com mais intensidade com as formas linguísticas que constituirão o seu padrão linguístico. Sabendo que na escola há uma valorização da forma linguística de prestígio, fica evidente que o falante que possui contexto familiar similar ao contexto escolar seguramente terá sucesso na aquisição da forma linguística de prestígio.

A aquisição da norma linguística de prestígio é um processo demorado, que depende da exposição do falante a esse contexto de fala. A família e a escola são os principais responsáveis por propiciar as condições fundamentais para o desenvolvimento da norma linguística do falante, porém quando não há uma confluência desses dois fatores dificilmente se consegue desenvolver uma norma linguística de prestígio. Daí a relação entre o código pedagógico da escola e o da família. Quanto mais próximo um se encontra do outro mais exitoso é o processo de aquisição do código de prestígio social (Bagno, 1999).

## **2.2 O Conceito de Variação Linguística**

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de forma inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano (Lapa, 1970, p.21). Esta é a primazia da dos estudos da Sociolinguística que tem como seu objeto o estudo da variação que são pautados nas questões de ordem cultural e social. Desde o princípio da civilização os seres humanos se organizavam em sociedade e, com a evolução histórica, criaram um sistema de comunicação oral, ou seja, uma língua. Sabemos que todas as línguas no mundo são uma continuidade histórica, logo a Sociolinguística trata a língua como um fenômeno comum a todos os grupos humanos, diferentemente dos antigos filósofos que utilizaram a língua escrita para descrever e estudar a língua. É o campo do conhecimento que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.

O processo criativo da linguagem humana já tinha chamado a atenção de filósofos como Descartes, entre outros; e o modelo gerativo buscou esta propriedade da linguagem humana que independentemente do seu grau de inteligência ou de instrução, têm a capacidade de produzir e compreender, sem esforço uma infinidade de sentenças nunca antes imaginadas (Cunha e Bechara, 1985, p.81).

A língua é algo que está vivo e em constante evolução. Todo momento estamos modificando a forma de nos comunicar, daí surge a variação linguística que é a capacidade da língua se transformar e se adaptar. Bagno (1999, p. 20) declara que “a língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma padrão”. Assim, variação linguística é a diversidade observada na utilização verbal ou escrita da língua. Tais variações podem acontecer por diferentes motivos, como por exemplo, o regionalismo.

Conforme Cunha e Bechara (1985), a variação esta por toda parte, pelo simples fato de existir em todo mundo uma grande variedade de línguas. E não existem por acaso, pois é de suma importância para a vida em sociedade, podendo ser estudada dentro de uma mesma língua entre outras línguas, através de mudanças, por bilinguismos, etc.

Lapa (1970) relata que, a sociolinguística estuda a variabilidade linguística a partir de dois pontos de vista: diacrônico e sincrônico. Do ponto de vista diacrônico (histórico), o pesquisador estabelece ao menos dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes em desuso (arcaísmos). Do ponto de vista sincrônico (mesmo plano temporal), o pesquisador pode abordar seu objeto a partir de três pontos de vista: geográfico (diatópico), social (ou diastrático), e estilístico (contextual ou diafásico).

Cunha e Bechara (1985) desenvolve a Teoria da variação Linguística a qual define como heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida, considerando a heterogeneidade como inerente a língua. Mesmo que se pense que a heterogeneidade implica ausência de regras, a língua sendo um sistema heterogêneo dotada de variação é constituída por um conjunto estruturado de regras. Por isso, a teoria da variação e mudança nos permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística, a língua não se “localiza” na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes.

A variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou o mesmo valor de verdade, e com o mesmo significado. Dois requisitos devem ser cumpridos para que ocorra a variação: as formas envolvidas precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto e manter o mesmo significado. E essa variação inerente às línguas, não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico e nem a possibilidade de comunicação entre falantes (Lapa, 1970).

A comunicação verbal acontece de maneira própria e, se comparada com as regras (no caso as gramaticais), a diversidade percebida, principalmente, na oralidade é considerada como variação da língua ou variação linguística, o que pode ser confundido, muitas vezes, com erro na linguagem. Mas se considerado a heterogeneidade de cada sociedade, é fácil concluir que a língua, como meio de comunicação, também será heterogênea, assim como afirma Bagno (1999, p.03) “a língua, na concepção dos socio linguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”. Por isso para a sociolinguística, a língua molda-se de acordo com a necessidade de comunicação do falante, evoluindo com a sociedade.

### **2.3 A Variação Linguística no Contexto Escolar Brasileiro**

A variação linguística no contexto escolar brasileiro é um tema de grande relevância, pois aborda a maneira como as diferentes formas de falar e escrever são tratadas no ambiente educacional. O Brasil, com sua vasta diversidade cultural e geográfica, apresenta uma riqueza de variações linguísticas que refletem a pluralidade de sua população. Essas variações são encontradas não apenas entre diferentes regiões, mas também entre diferentes grupos sociais, e seu reconhecimento e valorização são fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa.

No ambiente escolar, as variações linguísticas frequentemente entram em conflito com a norma culta, que é geralmente privilegiada nas práticas pedagógicas. Essa preferência pela norma padrão pode criar um ambiente de exclusão para alunos que falam variantes diferentes, muitas vezes rotuladas como "incorretas" ou "inferiores". Estudos têm demonstrado que essa abordagem prescritiva pode impactar negativamente a autoestima e o desempenho acadêmico dos estudantes, especialmente aqueles provenientes de regiões rurais ou de classes sociais menos favorecidas (BAGNO, 2007).

O ensino de língua portuguesa no Brasil historicamente adotou uma visão prescritiva, focando na correção gramatical e na padronização da linguagem, muitas vezes em detrimento do reconhecimento das variedades linguísticas como manifestações legítimas da língua. Essa abordagem tem raízes profundas na história da educação brasileira e na própria formação da norma culta, que se estabeleceu como um modelo de prestígio social e cultural, em grande parte devido à influência das elites letradas (FARACO, 2008).

Entretanto, nos últimos anos, tem havido um movimento crescente entre educadores e pesquisadores para promover uma abordagem mais inclusiva e descritiva do ensino de língua portuguesa, que valorize as variações linguísticas como parte integrante da identidade cultural dos estudantes. Essa mudança é impulsionada por estudos sociolinguísticos que demonstram a importância de reconhecer e valorizar as diferentes formas de falar como uma estratégia para promover a inclusão social e o sucesso acadêmico (BORTONI-RICARDO, 2004).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada recentemente no Brasil, reconhece a importância de abordar a variação linguística no ensino de língua portuguesa, destacando que a escola deve proporcionar aos alunos o conhecimento sobre as variedades linguísticas e promover o respeito por todas as formas de expressão oral e escrita. A BNCC propõe que os estudantes sejam capacitados a transitar entre diferentes variedades linguísticas, incluindo a norma culta, de acordo com os contextos comunicativos em que estão inseridos (BRASIL, 2018).

Esse reconhecimento oficial da variação linguística no currículo escolar representa um avanço significativo, mas sua implementação prática ainda enfrenta desafios. Muitos professores, formados em um sistema educacional tradicional que prioriza a norma culta, podem sentir dificuldades em adaptar suas práticas pedagógicas para incluir a variação linguística de maneira significativa e respeitosa. A formação contínua de professores é essencial para que eles adquiram as ferramentas necessárias para lidar com a diversidade linguística em sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2005).

Além disso, a resistência de alguns segmentos da sociedade, que ainda veem a norma culta como a única forma legítima de expressão, pode dificultar a implementação dessas novas práticas pedagógicas. A superação desse preconceito linguístico é crucial para que a educação possa realmente refletir e valorizar a diversidade cultural do Brasil. Pesquisas têm mostrado que quando os alunos percebem que suas formas de falar são respeitadas e valorizadas na escola, eles se sentem mais motivados e engajados no processo de aprendizagem (TRAVAGLIA, 2008).

O uso de materiais didáticos que reflitam a diversidade linguística do Brasil também é um aspecto importante a ser considerado. Livros, jogos educativos e recursos multimídia que apresentem diferentes variantes do português brasileiro podem ajudar os alunos a entender e valorizar as variações linguísticas, ao mesmo tempo em que aprendem a utilizar a norma culta de maneira crítica e contextualizada. Esses materiais devem ser

elaborados de forma a promover a reflexão crítica sobre a linguagem e a estimular o respeito pelas diferenças linguísticas (RAJAGOPALAN, 2003).

A variação linguística no contexto escolar, portanto, deve ser abordada de maneira integrada e transversal, permeando todas as disciplinas e atividades escolares. Isso significa que o respeito e a valorização da diversidade linguística não devem se limitar às aulas de língua portuguesa, mas devem estar presentes em todas as áreas do conhecimento, desde as ciências humanas até as exatas. Dessa forma, a escola pode contribuir para a formação de cidadãos críticos, conscientes e respeitosos das diferenças culturais e linguísticas presentes na sociedade brasileira.

Finalizando, a variação linguística é um reflexo da pluralidade cultural do Brasil e deve ser tratada como tal no ambiente escolar. A implementação de práticas pedagógicas que valorizem as diferentes formas de expressão linguística é fundamental para promover uma educação inclusiva e democrática. Isso requer não apenas mudanças na formação de professores e na elaboração de materiais didáticos, mas também uma transformação na maneira como a sociedade brasileira enxerga e valoriza a diversidade linguística. Assim, a escola pode cumprir seu papel de promover o respeito e a valorização das diferenças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

## **2.4 Preconceito Linguístico**

O preconceito linguístico é uma questão complexa e profundamente enraizada na sociedade brasileira, refletindo desigualdades sociais, culturais e econômicas. Esse tipo de preconceito ocorre quando determinadas formas de falar, associadas a grupos sociais específicos, são consideradas inferiores ou erradas em comparação com a chamada norma culta. No Brasil, o preconceito linguístico está intimamente ligado à discriminação social e racial, já que muitas das variedades linguísticas estigmatizadas são faladas por comunidades negras, indígenas e de classes sociais menos favorecidas (SOARES, 2020).

Um dos principais desafios no combate ao preconceito linguístico é desconstruir a ideia de que a norma culta é a única forma correta e legítima de se expressar em português. Essa visão prescritiva da língua ignora a realidade de que a variação linguística é um fenômeno natural e essencial para a evolução das línguas. Além disso, essa perspectiva contribui para a marginalização de indivíduos que não dominam a norma culta, criando barreiras para seu acesso a oportunidades educacionais e profissionais (SCHERRE, 2005).

O preconceito linguístico também se manifesta de maneira explícita nas instituições de ensino, onde alunos que falam variantes diferentes da norma culta são frequentemente corrigidos de maneira punitiva ou são alvo de comentários depreciativos. Esse tipo de abordagem pedagógica pode ter um impacto devastador na autoestima e na identidade linguística dos estudantes, levando-os a sentir vergonha de sua forma de falar e, em alguns casos, até mesmo a rejeitar sua própria cultura e origem (MOITA LOPES, 2003).

**Figura 1- Charge**



**Fonte:** <[www.ensinoeducacao.com](http://www.ensinoeducacao.com)>. Acesso em 06 de Novembro de 2024.

Para combater o preconceito linguístico, é crucial que as instituições de ensino adotem uma abordagem mais inclusiva e respeitosa em relação às variações linguísticas. Isso inclui a formação contínua de professores, para que eles possam reconhecer e valorizar a diversidade linguística presente em suas salas de aula, bem como a elaboração de materiais didáticos que reflitam essa diversidade de forma positiva. Além disso, é fundamental que as escolas promovam um ambiente onde todos os alunos se sintam respeitados e valorizados, independentemente de sua forma de falar (BORTONI-RICARDO, 2004).

Uma das estratégias mais eficazes para o combate ao preconceito linguístico é a conscientização. É essencial que tanto professores quanto alunos sejam informados sobre a importância da variação linguística e sobre os preconceitos que podem surgir em torno dela. Isso pode ser feito por meio de debates, oficinas e atividades pedagógicas que abordem o tema de maneira crítica e reflexiva. Ao entender que a linguagem é um reflexo da identidade cultural e social de cada indivíduo, os alunos podem começar a questionar e desconstruir preconceitos enraizados (RODRIGUES, 2011).

O papel da mídia também não pode ser ignorado quando se trata de preconceito linguístico. Muitas vezes, a mídia reforça estereótipos negativos associados a determinadas variantes linguísticas, perpetuando a discriminação. A representação de personagens que falam variantes estigmatizadas como sendo menos educados ou de menor valor social contribui para a manutenção desse preconceito. Por isso, é importante que a mídia seja responsável ao retratar a diversidade linguística e que ofereça representações mais positivas e realistas das diferentes formas de falar que existem no Brasil (SOARES, 2020).

A legislação brasileira reconhece a importância de combater o preconceito em todas as suas formas, incluindo o preconceito linguístico. A Constituição Federal de 1988 garante a todos os cidadãos o direito à educação e proíbe qualquer tipo de discriminação, o que inclui a discriminação linguística. No entanto, a efetivação desse direito ainda enfrenta desafios, especialmente em um país tão diverso e desigual como o Brasil. É necessário que haja uma maior fiscalização e aplicação das leis existentes, além de políticas públicas que promovam a valorização da diversidade linguística (BRASIL, 1988).

Outro aspecto importante no combate ao preconceito linguístico é o fortalecimento das identidades linguísticas dos falantes. Quando as pessoas se sentem orgulhosas de sua forma de falar, elas estão mais propensas a resistir ao preconceito e a lutar por seus direitos linguísticos. Nesse sentido, a educação desempenha um papel crucial ao proporcionar aos alunos o conhecimento necessário para que eles possam reconhecer o valor de sua própria língua e cultura. Programas educacionais que valorizam a cultura e a linguagem local podem ajudar a promover o respeito e a valorização da diversidade linguística (SILVA, 2014).

Finalizando, o preconceito linguístico é uma manifestação de desigualdade social que precisa ser enfrentada de maneira sistemática e abrangente. A promoção de uma educação que valorize a diversidade linguística e combata o preconceito é essencial para

a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso exige esforços conjuntos de educadores, legisladores, mídia e sociedade em geral, para que todos os brasileiros possam se expressar livremente e serem respeitados por sua forma de falar.

### **3 METODOLOGIA E CONTEXTO DA PESQUISA**

Este estudo se propõe a experimentar como práticas pedagógicas inovadoras, aliadas ao uso de tecnologias e gêneros textuais, como vídeos, áudios, podcasts que podem promover um ensino mais inclusivo e crítico no âmbito da variação linguística. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação, que envolve a interação direta entre o pesquisador, o ambiente escolar e os sujeitos da pesquisa, com o objetivo de implementar práticas que não apenas investiguem, mas também promovam mudanças significativas no contexto educacional. A pesquisa é realizada em uma escola de ensino fundamental, com foco na aplicação de uma sequência didática desenvolvida para o 8º ano.

#### **3.1 A pesquisa Ação**

A pesquisa-ação é uma abordagem metodológica que visa tanto compreender um fenômeno quanto intervir nele, promovendo transformações práticas no ambiente investigado. Segundo Thiollent (2011), “a pesquisa-ação é caracterizada pelo envolvimento direto dos sujeitos da pesquisa no processo de investigação e intervenção, visando a resolução de problemas reais e a melhoria da prática social”. Esta metodologia é particularmente relevante para o campo da educação, pois permite que professores e alunos atuem como coautores das mudanças propostas, desenvolvendo novas formas de ensinar e aprender de maneira colaborativa.

No contexto deste estudo, a pesquisa-ação foi escolhida como metodologia central por seu potencial em transformar a prática pedagógica, promovendo um ensino mais crítico e reflexivo acerca da variação linguística. Como destaca Tripp (2005), “a pesquisa-ação oferece uma oportunidade para os educadores refletirem sobre suas práticas, questionarem suas crenças e implementarem mudanças baseadas em evidências e na participação ativa dos sujeitos”.

Nossa pesquisa-ação foi desenvolvida a partir da execução de um ebook desenhado não apenas para trabalhar as discussões sobre variações linguísticas, mas

também para promover a valorização da diversidade cultural dos alunos e o combate ao preconceito linguístico (ver anexo).

O processo de criação do e-book *Variação Linguística: Dinâmicas Sociais e Culturais da Língua* iniciou-se a partir da pesquisa e revisão bibliográfica de obras de referência em linguística, com ênfase nas abordagens de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005) e Tenani (2015). Esses materiais forneceram embasamento teórico para a seleção e categorização dos temas abordados, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. A seleção do conteúdo priorizou uma abordagem didática e acessível, considerando o público-alvo do 6º ano, de forma a promover a compreensão e valorização das variações linguísticas brasileiras.

Após a definição do conteúdo teórico, foram elaboradas atividades práticas para cada um dos eixos temáticos, com o objetivo de estimular a percepção e o reconhecimento das variações linguísticas pelos alunos. As atividades foram desenvolvidas a partir de exemplos regionais e cotidianos, alinhando-se à proposta de sensibilização cultural e combate ao preconceito linguístico. Além disso, foram incluídos materiais de apoio multimídia, como vídeos e gravações de falantes de diferentes regiões do Brasil, para ampliar a compreensão sobre as dinâmicas fonéticas e semânticas presentes no português.

A etapa final consistiu na organização e diagramação do material em formato de e-book, priorizando a clareza visual e a segmentação das seções de forma lógica e progressiva. A inclusão de referências bibliográficas e a revisão textual foram realizadas para assegurar a consistência e a precisão teórica do conteúdo apresentado. O resultado final visa não apenas ao aprendizado conceitual, mas também à reflexão crítica sobre a diversidade linguística e seus impactos sociais, promovendo uma abordagem inclusiva no ensino de língua portuguesa.

### **3.2 O Ambiente Escolar e os Sujeitos da Pesquisa**

O ebook foi colocado em prática na Escola Municipal Alnir Lima Soares, situada na cidade de Pinheiro no interior do Maranhão. A escola atende alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, apresentando uma diversidade de contextos socioculturais e linguísticos entre seus estudantes. O estudo envolveu diretamente uma turma de 8º ano, composta por 23 alunos, com idades entre 13 e 14 anos, e dois professores de língua portuguesa, que atuaram como colaboradores na aplicação do ebook.

A escolha dessa faixa etária deve-se ao fato de que os alunos do 8º ano estão em um momento de transição entre o ensino e o fundamental II e o médio, fase em que o desenvolvimento das competências de leitura e escrita torna-se mais complexo e desafiador. Além disso, é um período em que questões relacionadas à identidade linguística e cultural dos estudantes começam a emergir com maior intensidade, tornando-se um tema relevante para o trabalho pedagógico. Segundo Silva (2017), "o ambiente escolar deve ser um espaço de valorização das identidades culturais e linguísticas dos alunos, promovendo o respeito e o reconhecimento das diferenças como parte do processo de formação cidadã".

Os professores envolvidos na pesquisa-ação foram previamente capacitados para a implementação do ebook e participaram ativamente de todas as etapas de sua execução. Eles foram orientados a registrar suas observações e reflexões ao longo do processo, contribuindo para a análise dos resultados e para a melhoria contínua das práticas pedagógicas propostas.

### **3.3 Dinâmicas Sociais na Variação Linguística**

Labov foi o criador desse modelo teórico metodológico, a Sociolinguística – que consiste em uma ciência da linguagem social que estuda a coexistência de variantes linguísticas e suas probabilidades de uso. Esse modelo de análise linguística trabalha com números e estatística dos dados coletados e sua principal característica, em contraposição ao modelo gerativista, é que Labov “o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (Mollica e Braga, 2004, p.7).

Através de sua famosa dissertação de mestrado sobre as variações do inglês utilizado por habitantes da ilha de Martha’s Vineyard (Labov, 2008), realizado em 1963, Labov analisou a relação entre fatores sociais como etnia, sexo, ocupação e idade com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha localizada no estado americano de Massachussets, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas.

Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção

de sua identidade social, como descendentes dos Yankees, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII (Antunes, 2007).

Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua presença uma invasão cultural e econômica, portanto, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos (Monteiro, 2000).

Discordando da ideia de homogeneidade linguística defendida por Saussure (1975) e do conceito de falante ideal defendido por Chomsky (1965, 1997), para Labov a língua não é propriedade do indivíduo, mas sim da comunidade, fato que o leva a crer que o novo modo de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (Labov, 2008, p.259).

Esse modelo se ocupa das variações sistemáticas da língua falada chamadas de variantes linguísticas, que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, e “a um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (Mollica e Braga, 2004, p.08).

Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável. A título de exemplo, em um determinado enunciado podem-se ter as variáveis linguísticas concordância, ou não concordância do verbo com o sujeito, muito praticadas por diversos falantes na linguagem cotidiana. Outro bom exemplo são as diversas formas lexicais que as palavras assumem em certas culturas ou tradições, como o caso das variações linguísticas conhecidas como gírias que, de acordo com os fatores sociais que incidem sobre os grupos de falantes que as praticam, possuem significados diferentes para palavras ou termos usados na linguagem formal, padronizada.

As variáveis linguísticas classificam-se em dependentes e independentes. As primeiras são o próprio fenômeno a ser estudado, como por exemplo, a ocorrência da concordância nominal em determinado enunciado, cujas variáveis seriam o uso ou não da regra de concordância gramatical. Já as independentes dizem respeito aos fatores linguísticos internos (estruturais) e os externos (socioculturais) (Monteiro, 2000).

Para compreender a forma que uma variante se dissemina dentro de uma comunidade de fala, a pesquisa sociolinguística investiga se há tendência de mudança, podendo utilizar alguns instrumentos para essa análise, como por exemplo, testes de

julgamento pessoal, que, através da opinião dos entrevistados, possibilitam a observação, pelo pesquisador, dos valores pessoais dos falantes sobre determinada variante (Antunes, 2007).

Tanto a análise da influência dos aspectos linguísticos e socioculturais, quanto a observação da reação dos falantes diante de determinadas variantes, contribuem para identificar os motivos de determinada mudança e sua implementação pela comunidades de fala (Monteiro, 2000).

Contrariando a homogeneidade linguística das teorias estruturalistas, a Sociolinguística procura explicar a heterogeneidade da língua, através da análise de fatores internos e externos ao sistema linguístico, pois ela "parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delineia sistemática e previsível" (Mollica e Braga, 2004, p.10).

## **4 ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PRODUTO**

### **4.1 Análise baseada no Desempenho do Produto**

A análise final considerou a autonomia dos alunos no uso do ebook, a clareza das orientações, a acessibilidade dos recursos e a capacidade de replicação por outros educadores. A avaliação mostrou que os alunos conseguiram navegar com facilidade pelo e-book e compreender as instruções das atividades, demonstrando uma maior valorização das variantes linguísticas regionais e um fortalecimento de sua identidade cultural. Professores relataram a intenção de replicar a sequência didática e o e-book em outras turmas, destacando a relevância do material para o contexto escolar.

#### **Requisitos**

Os requisitos definidos para os produtos foram:

- \* Interatividade e Multimodalidade: Os materiais devem ser interativos, utilizando diferentes formas de mídia, como vídeos, áudios, gráficos e atividades práticas.

- \* Acessibilidade: Os produtos devem ser acessíveis em dispositivos digitais variados, com linguagem clara e de fácil navegação para o público-alvo.

- \* Conteúdo Inclusivo: Os materiais devem abordar a diversidade linguística de maneira positiva, incentivando o respeito e a valorização de todas as formas de falar.

#### **Parâmetros**

Os parâmetros que orientaram o desenvolvimento dos produtos foram:

\* **Abordagem Crítica e Reflexiva:** Promover uma reflexão crítica sobre variação linguística, preconceito e identidade, envolvendo discussões, debates e atividades práticas.

\* **Diversidade de Estratégias Pedagógicas:** Utilizar recursos multimodais, literários e tecnológicos para atender a diferentes estilos de aprendizagem e estimular a participação ativa dos alunos.

\* **Clareza e Organização:** Os produtos devem ser claros em suas instruções e objetivos, possibilitando que os alunos compreendam e participem das atividades de maneira autônoma.

A análise final considerou a autonomia dos alunos no uso do e-book, a clareza das orientações, a acessibilidade dos recursos e a capacidade de replicação por outros educadores. A avaliação mostrou que os alunos conseguiram navegar com facilidade pelo e-book e compreender as instruções das atividades, demonstrando uma maior valorização das variantes linguísticas regionais e um fortalecimento de sua identidade cultural. Professores relataram a intenção de replicar a sequência didática e o e-book em outras turmas, destacando a relevância do material para o contexto escolar.

## **4.2 Análise da Aplicação do Produto**

A análise da aplicação do produto foi realizada com base nas observações e nos dados gerados na aplicação do ebook. Os resultados indicaram um aumento no engajamento dos alunos e uma maior compreensão sobre as diferentes formas de falar, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e respeitoso. As atividades multimodais e a abordagem crítica do ebook se mostraram eficazes para combater o preconceito linguístico e valorizar a diversidade.

**Aplicação do Produto (Relato da Aplicação do Produto Passo a Passo).**

A aplicação do produto piloto ocorreu na Escola Alnir Lima Soares, com alunos do 8º ano. O e-book foi utilizado como um recurso de apoio durante as aulas, servindo como base para as discussões e atividades propostas na sequência didática. Cada aula foi organizada de acordo com um tema específico, como variações fonéticas, morfológicas e sintáticas, sendo introduzidos vídeos, filmes, leituras literárias e atividades práticas que promoviam a reflexão sobre a diversidade linguística.

Os instrumentos de avaliação utilizados para a coleta de dados sobre a aplicação dos produtos foram:

\* Entrevistas com os professores para compreender suas percepções sobre a eficácia dos materiais e as reações dos alunos.

\* Questionários aplicados aos alunos para avaliar o nível de compreensão e o engajamento durante as atividades.

\* **Análise Baseada no Desempenho do Produto**

A análise final considerou a autonomia dos alunos no uso dos produtos, a clareza das orientações, a acessibilidade dos recursos e a capacidade de replicação por outros educadores. A avaliação mostrou que os alunos conseguiram navegar com facilidade pelo e-book e compreender as instruções das atividades, demonstrando uma maior valorização das variantes linguísticas regionais e um fortalecimento de sua identidade cultural. Professores relataram a intenção de replicar a sequência didática e o e-book em outras turmas, destacando a relevância do material para o contexto escolar.

### **4.3 Variação Situacional e Contextos de Uso**

Devido à crença de que a língua era homogênea, estudiosos e seguidores da Gramática Normativa estabeleceram uma abordagem bastante prescritiva que classificava, e ainda classifica, como erro tudo que se afasta da chamada norma padrão. Entretanto, houve uma mudança de posicionamento e a heterogeneidade da língua passou a ser considerada por linguistas que as defendem (Preti, 1982).

Complementando tal posicionamento, Mussalim e Bentes (2007, p.33) apontam que é possível "assegurar que nenhuma língua se apresenta por uma entidade homogênea, ou seja qualquer língua é representada por um conjunto de variedades [...]". No entanto, muitos entendem a variação linguística como um problema, uma falha no momento de realizar a comunicação e que a língua é algo fixo, imutável, toda padronizada e que qualquer manifestação linguística contrária às apresentadas pela norma padrão, estabelecida pela gramática normativa, é censurável.

Nesse mesmo contexto, Mussalim e Bentes (2007, p.38) afirma que, no decorrer de muitos anos, a sociedade instituiu o ensino de uma língua materna homogênea, ignorando qualquer maneira de variedade linguística. Embora tenham ocorrido mudanças nas práticas pedagógicas nos últimos anos, ainda é visível a não aceitação de alguns educadores no que norteia a heterogeneidade da língua e o modelo de ensino tradicional continua sendo praticado nas escolas.

Segundo Preti (1982, p.541), dentre essas variáveis, encontram-se as externas, que dizem respeito aos fatores relativos ao indivíduo, como etnia e sexo, os fatores sociais, dentre eles o nível de escolaridade, de renda, profissão e classe social além do grau de formalidade e à tensão discursiva. Considerando a terminologia científica, pode-se considerar a variação da língua como sendo diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica.

De acordo com Bagno (2004) a variação diatópica diz respeito às mudanças observadas na comparação entre os falares de lugares diferentes, por exemplo, os moradores da zona rural e zona urbana. Enquanto a variação diastrática, diz respeito às mudanças observadas na fala de indivíduos de diferentes estratos sociais. Existe ainda a variação diamésica, a qual é observada quando ocorre a comparação entre língua falada e língua escrita, a variação diafásica, que se refere ao grau de monitoramento do indivíduo ao proferir sua fala e a variação diacrônica, observada a partir da comparação dos usos da língua em diferentes contextos.

Labov (2008), descreve as variedades diastráticas como sendo as que ocorrem verticalmente, ou seja, dentro de uma comunidade específica, independente desta ser urbana ou rural. Nestas, ocorre a influência de fatores ligados ao falante ou ao grupo a que ele pertence, bem como fatores ligados à situação de fala, o que pode ocorrer por uma influência simultânea de dois fatores distintos.

De acordo com Labov (2008), são três as classificações das variações da língua geográficas, sociológicas e contextuais. Para o autor, as variações geográficas têm relação com as variações regionais, ou seja, as mudanças da língua de região para região, está muito próxima da variação social. As variações sociológicas dizem respeito a fatores como sexo, idade, profissão, grau de escolaridade, classe social, etnia e outros fatores que possam determinar traços da origem do indivíduo em sua fala. As variações sociais dizem respeito a tudo que não está relacionado ao indivíduo, mas interfere no diálogo, como a pessoa com quem falamos, o ambiente em que ocorre a fala e o tema que é tratado.

Para Lyons (2011, p.55), as variações são originadas de ajustes em função do contexto situacional e do receptor da mensagem. As variações situacionais representam as variações que se estabelecem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que determina a maneira como nos dirigimos ao nosso interlocutor, se deve ser formal ou informal. A variação situacional é registrada nos usos distintos que o indivíduo faz da língua de acordo com a situação/contexto em que ele se encontra e pode ser descrita como uma forma de linguagem que o indivíduo utiliza em casa, na mesa de um bar, em um

encontro com os amigos, com o chefe, dentre outros. Quando empregada na linguagem escrita, podemos identificá-la em um bilhete deixado na porta da geladeira, em um e-mail que se envia a um amigo, em uma resenha orientada pelo professor, entre outros.

Bagno (2004, p.45) ressalta que a variação situacional se trata de “cada situação e demanda do indivíduo que fala ou escreve um domínio maior ou menor, tanto da conduta, em geral, quanto do desempenho verbal da pessoa”, ou seja, cada pessoa, independentemente de seu grau de instrução, classe social, idade, etc., altera o seu jeito próprio de falar, podendo ser mais ou menos consciente, de acordo com a situação em que está.

Preti (1982, p.60), exemplificam as situações linguísticas tomando como exemplo um professor em três situações distintas, a primeira no restaurante universitário, conversando trivialidades com seus alunos; no segundo momento em sala de aula, desempenhando a sua profissão; e a terceira situação no auditório, ministrando uma palestra em um congresso, momento este que exige o uso da variante padrão. Segundo as autoras observa-se aqui a variação da linguagem de acordo com a situação vivenciada, e consequentemente, a noção de heterogeneidade.

Para Labov (2008, p.78) as variações situacionais consistem em dizer a mesma informação, porém de maneira variável. Em outras palavras, a heterogeneidade de que se fala é acendida de duas ou mais formas de variações/variantes alternativas em concordância com elementos linguísticos internos ou extralinguísticos a produzirem ou limitarem a variação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo abordou o desenvolvimento e a implementação de um e-book multimodal sobre variação linguística com o objetivo de proporcionar um ensino mais inclusivo e crítico nas aulas de língua portuguesa. A escolha da variação linguística como tema central baseou-se na necessidade de promover o respeito e a valorização das diferentes formas de falar, reconhecendo-as como expressões legítimas da identidade cultural dos alunos.

Através da aplicação do ebook na prática pedagógica, observou-se uma maior sensibilização dos estudantes em relação à diversidade linguística, além de uma maior participação e engajamento nas atividades propostas. A integração de recursos multimodais no e-book e de estratégias reflexivas na SD permitiu que os alunos desenvolvessem uma compreensão mais ampla sobre as variações da língua, ao mesmo tempo em que fortaleciam suas próprias identidades culturais e linguísticas.

O crescimento e a convergência do potencial da comunicação faz com que a educação, sem dúvida, contribua para a expansão do ensino de maneira a favorecer a transformação dos métodos tradicionais de ensino e de avaliação educacional em uma nova e inovadora proposta pedagógica. Características essas que possibilitam à escola ser o que é hoje: uma referência para a socialização e troca de conhecimento entre professor/aluno. Além de oferecer instrumentos didáticos que apoiem os alunos nos estudos, tendo como objetivo permitir que eles ampliem seu conhecimento teórico ao mesmo tempo em que aprendem a partir de suas experiências, desenvolvendo a capacidade de analisar o mundo ao seu redor.

Para tanto, além de possuírem um alto grau de dialogicidade, o estudo com textos devem ser claros e apoiados por elementos que possibilitem as discussões e trocas de conhecimentos, pois dessa forma, haverá o aprofundamento do conhecimento que proporcionará aos alunos o acesso a matérias de jornais e revista, artigos e textos extraídos de livros de autores consagrados, e a leitura facilitada das diversas linguagens existentes nesses materiais diversos.

Cada vez mais torna evidente que é preciso analisar a nossa realidade sociolinguística de forma que a variação linguística seja objeto e objetivo do ensino da língua portuguesa, considerando que não há norma melhor nem pior, mais bonita ou mais feia do que qualquer outra norma/dialeto, portanto, na avaliação educativa há de se considerar o entendimento do contexto, da prática educativa e não apenas a obediência as regras gramaticais.

Os resultados da pesquisa-ação indicaram que a utilização de materiais interativos e de metodologias inovadoras contribuiu para a construção de um ambiente de aprendizagem mais democrático e acolhedor, onde todas as formas de expressão foram respeitadas e valorizadas. Além disso, a abordagem crítica e reflexiva adotada nos produtos mostrou-se eficaz no combate ao preconceito linguístico, promovendo uma visão mais plural e inclusiva da língua portuguesa.

Desta forma, conclui-se que o produto desenvolvido (E-book Saberes e Práticas no Âmbito da Variação Linguística) tem potencial para ser replicado em outros contextos educacionais, contribuindo para uma prática pedagógica mais inclusiva e comprometida com a valorização da diversidade linguística. Recomenda-se, contudo, que futuros estudos explorem a adaptação desses materiais para outros níveis de ensino e contemplem a formação contínua de professores para garantir o sucesso de sua aplicação.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 29.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 47ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2015.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. ed.1. Editora Scipione. São Paulo, 1989.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, Maria de Lourdes; PEREIRA, Rodrigo; ALMEIDA, Júlia. **Tecnologias na educação: transformações e desafios**. São Paulo: Editora Atlas, 2020.

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens**. São Paulo, Saraiva, 2012.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento da História e construção teórica na Linguística Moderna**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 13. SPE, 1977, p. 133-155.

CUNHA, Celso; BECHARA, Evanildo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 1985.

EAGLETON, T. A ideia de cultura, 2ed. São Paulo: UNESP, 1997.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Adriana. **Formação continuada de professores e ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. ed.1. Editora Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro, 1989.

LABOV, W. **Where does the Linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. In: Sociolinguistic Working Papers, 1978, p. 43-88.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAPA, Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Editora Livros Horizonte, 1970.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?: norma e uso na língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, Roberta; SANTOS, Amanda; COSTA, Felipe. **Oficinas de escrita criativa: impactos da produção de fanfiction na educação básica**. *Revista de Educação e Linguagem*, v. 15, n. 2, p. 55-75, 2020. Disponível em: <https://periodicos.revistadeeducacao.com.br>. Acesso em: 22 out. 2024.

PEREIRA, Marli Hermenegilda. **Reanálise e gramaticalização de conectores: uma análise em tempo real**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2005.

PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. ed.1. Editora Cultrix. São Paulo, 1975.

SILVA, F. D. e MOURA, H. M. D. M. **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis/SC: Insular, 2000.

SILVA, M.A.A **fetichização do livro didático no Brasil**. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 37, n.3. p. 803-821, set/dez. 2012.

SILVA, José Carlos. **Educação e identidade cultural: reflexões sobre o papel da escola na promoção da diversidade linguística**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2017.

SIMÕES, Carolina. **Narrativas de fãs: a fanfiction como gênero literário na educação**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

SOUZA, Renata; CARVALHO, Lucas. **O uso de tecnologias digitais no ensino de leitura e escrita: um estudo de caso**. *Educação Digital*, v. 12, n. 3, p. 112-130, 2021. Disponível em: <https://educacaodigital.org.br>. Acesso em: 22 out. 2024.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1994.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

WEINREICH, Uriel; et al. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## ANEXO

### O PRODUTO (livro digital)

#### 1. Capa



#### 2. Concepção do Produto

Este e-book foi concebido com o objetivo de fornecer aos alunos uma compreensão mais ampla da variação linguística no Brasil, promovendo o respeito e a valorização das diferentes formas de falar o português. A proposta busca explorar os aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos da língua, integrando atividades práticas que permitem aos alunos vivenciar e reconhecer as nuances linguísticas.

#### 3. Ficha Técnica do Produto

- **Título:** Variação Linguística : Dinâmicas Sociais e Culturais da Língua
- **Autora:** Vanderclea de Jesus Costa Martins
- **Edição:** 1ª Edição
- **Ano de Publicação:** 2024

- **Editora/Instituição:** [Nome da Instituição]
- **Contato:** [Informações de contato, se aplicável]

#### **4. Sumário**

1. Introdução
2. Fonética e Fonologia
3. Morfologia
4. Sintaxe
5. Semântica
6. Atividades Práticas
7. Conclusão

#### **5. Introdução**

A introdução aborda a importância de compreender a variação linguística como um fenômeno natural e culturalmente significativo. Destaca que a língua portuguesa no Brasil apresenta uma rica diversidade, influenciada por fatores históricos, regionais e sociais. Compreender essa variação é essencial para o respeito às identidades culturais e para combater o preconceito linguístico.

#### **6. Apresentação do Produto**

##### **6.1 Origem do Produto**

Este e-book surgiu a partir da necessidade de abordar as variações linguísticas no contexto educacional. Dada a diversidade do português falado no Brasil, é crucial que os alunos reconheçam e valorizem essa pluralidade, combatendo estigmas e preconceitos.

## **6.2 Área do Conhecimento**

Este material é focado nas áreas de Linguística, Sociolinguística e Educação.

## **6.3 Nível de Ensino**

Destinado principalmente ao ensino fundamental, especialmente para o 8º ano, mas pode ser adaptado para outras faixas etárias.

## **6.4 Público Alvo**

Alunos e professores do ensino fundamental, com especial interesse na valorização das diferenças linguísticas regionais e sociais.

## **6.5 Objetivo**

O objetivo principal deste e-book é promover a conscientização sobre a riqueza da variação linguística no Brasil, ajudando os alunos a desenvolverem uma visão crítica e respeitosa sobre as diversas formas de falar o português.

## **6.6 Requisitos e Parâmetros do Produto**

O e-book oferece uma experiência multimodal, com integração de textos, atividades práticas, materiais audiovisuais e links interativos. O conteúdo foi desenvolvido de forma acessível e envolvente, permitindo a exploração de diferentes formas de pronúncia, construção de frases e expressões idiomáticas regionais.

## **6.7 Atividades (E-book)**

O livro contém atividades práticas para reforçar os conceitos apresentados. Por exemplo:

- **Atividade 1:** Análise de sotaques regionais através de gravações e vídeos.
- **Atividade 2:** Exercícios de dicção e imitação de sons característicos.
- **Atividade 3:** Discussão em grupo sobre as diferenças morfológicas e semânticas observadas nas regiões brasileiras.

## **6.8 Conclusões**

O e-book encerra destacando a importância de reconhecer e valorizar a variação linguística como um reflexo da riqueza cultural do Brasil. Encoraja os alunos a abraçarem as diversas formas de expressão e a respeitarem todas as variedades linguísticas.

## **6.9 Referências**

ALVES, Maria do Rosário N.R. **Educação de Jovens e Adultos**. ed.1. Editora Parábola. São Paulo, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. ed.1. Editora Parábola. São Paulo, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. ed.10. Editora Scipione. São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed.1. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2005.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. ed.1. Editora Parábola. São Paulo, 2008.

MOURA, Denilda. **Língua e ensino: dimensões heterogêneas**. ed.1. Editora Edufal. Maceio, 2000.